



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E ECONOMIA

**Escrevendo uma história: A experiência da Cia. de Canetas
Compactor em Nova Iguaçu (1955-1995)**

Nova Iguaçu

2014



Resumo

A industrialização em Nova Iguaçu se iniciou na década de 1950, principalmente após a inauguração da Rodovia Presidente Dutra (BR – 116) em 1951. Tal rodovia fez com a região às suas margens se tornasse uma espécie de parque industrial, pois, ao longo da década de 1950 muitas indústrias ali se instalaram. O presente trabalho tem como objetivo estudar a trajetória da Cia. de Canetas Compactor em Nova Iguaçu, dando ênfase ao processo de industrialização da Baixada Fluminense – que se deu após o declínio da citricultura; à transformação espacial que a fábrica proporcionou ao seu entorno, o bairro Jardim Iguaçu e, especialmente à relação da companhia com seus funcionários, analisando intimamente a política assistencialista promovida pela empresa.



CAROLINA BITTENCOURT MENDONÇA

**Escrevendo uma história: a experiência da Cia. de Canetas
Compactor em Nova Iguaçu (1955-1995)**

Monografia apresentada ao curso de História como
requisito parcial para a obtenção do Título de
Licenciado em História, do Instituto Multidisciplinar
da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Orientador: Prof^o Dr^o Alexandre Fortes

Nova Iguaçu

2014



CAROLINA BITTENCOURT MENDONÇA

**Escrevendo uma história: a experiência da Cia. de Canetas
Compactor em Nova Iguaçu (1955-1995)**

Monografia apresentada ao curso de História como
requisito parcial para a obtenção do Título de
Licenciado em História, do Instituto Multidisciplinar
da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Banca Examinadora:

Prof.º Drº Alexandre Fortes

Prof.º Drº Álvaro Pereira do Nascimento

Prof.ª Drª Lucia Helena P. da Silva

Nova Iguaçu

2014



Agradecimentos

O caminho até aqui foi muito longo, por isso agradeço a todos que fizeram parte desse longo caminho que percorri, tropeçando, caindo e levantando.

Primeiramente, dedico essa monografia aos meus queridos pais, Rosângela e Nelson, e agradeço com toda a minha sinceridade por tudo que fizeram por mim, não só nos anos da graduação, mas durante os meus 25 anos de vida. A graduação foi muito árdua, e passei por alguns momentos difíceis e complicados, onde sempre fui amparada por essas quatro mãos que não me deixavam cair e desistir em momento algum. Pai e Mãe, obrigada por todo o amor incondicional. Essa conquista e todas as outras que virão são de vocês também!

Agradeço aos meus queridos irmãos Rodrigo e Rafael, pela amizade, sinceridade, carinho, amor e principalmente, pelo apoio dado à mim ao longo desses anos. Eu me orgulho muito dos homens que vocês são e espero um dia chegar onde vocês chegaram.

Agradeço também aos meus familiares que sempre, de alguma forma, estiveram presentes na minha jornada e me apoiaram cegamente na carreira que escolhi. Obrigada Tio Vavá, Tia Marcinha, Tia Regina, Tia Marly, Gui, Jaiminho, Cristina e Tia Beth! Vocês são tudo o que eu tenho nesse mundo.

Agradeço especialmente aos meus queridos padrinhos, Mara e Jaime, por todo amor e apoio, inclusive financeiro, durante toda a minha vida. O amor e a consideração que tenho por vocês são exatamente iguais aos que tenho pelos meus pais. Obrigada por tudo!

Tenho um agradecimento especial ao meu companheiro, de graduação, de profissão e de vida, Guilherme. Obrigada pelo suporte, por todo o conhecimento compartilhado, pela presença e principalmente, pelo amor. Você foi o principal acontecimento da minha graduação, e eu fico muito feliz em poder conviver com você. Obrigada por não me deixar desistir nunca, por acreditar sempre em mim e por estar sempre por perto. Começamos essa jornada separados, mas terminamos juntos e assim iremos permanecer durante as outras jornadas que vierem pela frente. Obrigada por tudo. Amo você.

Não posso deixar de fora minhas queridas amigas, que também fazem parte da minha família, Camila, Carina, Maria Luiza e Bárbara. Obrigada pela amizade de tantos anos.



Agradeço a vocês por me apoiarem, desde o momento em que eu escolhi essa carreira, até o dia da minha formatura. Vocês também fazem parte de todas as conquistas da minha vida. Estaremos sempre juntas. Obrigada por tudo!

Agradeço também as minhas amigas de turma, que se tornaram amigas na vida: Mariana, Stephanie e Thais. Foi com vocês que eu compartilhei a maravilhosa sensação de entrar numa universidade. Vocês definitivamente fazem parte do meu caminho na graduação. Obrigada por todos os estudos em grupo, seminários e reuniões. Tudo foi muito importante para a minha vida acadêmica. Obrigada pelo apoio e pela amizade, minhas queridas!

Meus queridos amigos, Geison, Lívia, Luiz Felipe, Luiz Gabriel, Filipe, Leonardo, Allofs e Gabriel. Agradeço a vocês por tudo, tudo mesmo. Pelos abraços, caronas, brigas, choros, carinhos e claro, pela amizade. Vocês, obviamente, fazem parte da minha vida e eu não existiria se vocês não estivessem do meu lado durante todos esses anos. Obrigada por estarem sempre ao lado, em todos os momentos difíceis que eu passei nesses anos. Estaremos sempre juntos. Obrigada a todos!

Minha querida amiga irmã, Amanda. Agradeço a você especialmente por tudo o que fez por mim. Muito obrigada por fazer parte da minha vida acadêmica e pessoal. Todo o conhecimento que você compartilhou comigo durante todos esses anos foi muito importante para o que eu me tornei no final dessa graduação. Te agradeço muito pelo apoio infinito, por não me deixar abaixar a cabeça e por todo amor direcionado a mim. Saiba que é totalmente recíproco. Obrigada por essa linda amizade!

Ao meu querido casal Adriano e Daiane, tenho um agradecimento especial. Sem a companhia de vocês, tenho certeza que eu não estaria aqui hoje. Formada e no início da minha vida acadêmica. Porém, a nossa amizade vai além do meio acadêmico. Somos amigos para toda a vida. Agradeço aos dois igualmente por tudo o que fizeram por mim e para mim. Espero um dia poder retribuir tudo isso da melhor forma possível. Muito obrigada por todos os estudos, reuniões e claro, as festas! Espero que estejamos juntos para sempre nessa vida, acadêmica ou não. Obrigada meus queridos, vocês são demais!

Agradeço à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, por me proporcionar esse universo maravilhoso que é um universidade pública. Obrigada por fornecer professores maravilhosos que contribuíram diretamente para minha formação acadêmica. Em especial,



agradeço ao Prof^o Dr^o Álvaro Nascimento e à Prof^a Dr^a Lucia Silva por todas as disciplinas ministradas à minha turma, e por me transmitirem todo o conhecimento sobre Baixada Fluminense que eu precisei para dar o pontapé inicial nessa pesquisa.

Por fim, agradeço ao meu grande orientador Prof^o Dr^o Alexandre Fortes por me receber como orientanda e por contribuir com todo seu conhecimento para minha pesquisa. Muito obrigada por todo o esforço dedicado à mim e principalmente, por acreditar no meu potencial. Espero não decepcioná-lo. Sou muito grata ao senhor pelas oportunidades oferecidas e hoje sei que seguirei meu caminho acadêmico pautada nos seus conselhos. Obrigada por tudo.



Sumário

Introdução	1
Capítulo I: A transformação espacial e o processo de industrialização da Baixada Fluminense	
1.1 A citricultura e seu declínio	4
1.2 Industrialização e urbanização da região	10
Capítulo II: A trajetória da Cia. de Canetas Compactor	
2.1 Da Alemanha para o Brasil: O processo de instalação da fábrica	17
2.2 Crescimento da fábrica no mercado interno e externo	21
2.3 “Família Compactor”: Assistencialismo e política local	26
Considerações finais	37
Fontes e Referências Bibliográficas	41

Introdução

O município de Nova Iguaçu se sagrou um grande produtor de laranjas no final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, tendo a década de 1930 como seu auge. No entanto, a partir da década de 1940 se inicia o declínio do cultivo da laranja. Após a quase extinção da citricultura e a Segunda Guerra Mundial, Nova Iguaçu sofre o que o Rafael da Silva Oliveira denomina “febre dos loteamentos”. Segundo este, no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, a Baixada Fluminense vai sofrer transformações devido à uma política rodoviarista, calcada no Projeto Geopolítico de Integração Nacional. Esse projeto resultou na criação do Fundo Rodoviário Nacional, que acarretou na construção da Avenida Brasil (BR-101) em 1946 e da rodovia Presidente Dutra (BR-116) em 1951.¹

Nesse contexto, o município de Nova Iguaçu foi adquirindo uma feição urbana, principalmente quando as grandes chácaras, antes utilizadas na citricultura, foram parceladas em lotes para venda direta. Na Baixada Fluminense, os municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti e Nova Iguaçu se destacaram no processo de urbanização e industrialização. Este último, após o declínio da citricultura, se utilizou de sua localização estratégica – após a inauguração da rodovia Presidente Dutra (BR-101) – para se reerguer e desenvolver a região. A principal ação iguaçuana foi adotar a política de isenção fiscal, com o objetivo de atrair investimentos industriais.²

A partir da expansão demográfica ocorrida nesse período, a região passou a ter um contingente maior de pessoas para trabalhar nas indústrias. Nesse momento, surgem no município de Nova Iguaçu diversas indústrias de médio e grande porte, como por exemplo, a Bayer do Brasil Indústrias Químicas S.A., Indústrias Granfino S.A., USIMECA – Usina Mecânica Carioca S.A., dentre outras.³ Nosso objetivo foi pesquisar, estudar e analisar a

¹ OLIVEIRA, Rafael da Silva. Da produção da laranja à febre dos loteamentos: As transformações na organização espacial do Município de Nova Iguaçu ao longo do século XX. Revista Pilares da História, Ano 10, n. 11, Maio, 2011.

² RODRIGUES, Adrianno Oliveira. De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's): Economia e território em processo. Dissertação de Mestrado. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ, 2006.

³ CARVALHO, Maicon Sérgio Mota. Bayer e Belford Roxo: uma experiência industrial na Baixada Fluminense

trajetória da Cia. de Canetas Compactor no contexto de industrialização e urbanização da Baixada Fluminense, dando ênfase à política assistencialista da companhia; sua relação com os trabalhadores e com a localidade onde a fábrica foi instalada.

A primeira fábrica Compactor foi fundada em 1936, na cidade de Wuppertal, na Alemanha, por Paul Buschle. Em 1940, aos 30 anos, Buschle recebe ordens para se apresentar ao exército. Três anos depois, sua pequena oficina é bombardeada e praticamente destruída. Com o fim da Guerra, Paul Buschle volta ao ofício, agora acompanhado pelo irmão mais novo, Erich Buschle. No entanto, a cosmopolita Wuppertal, destruída pela Guerra, não ajuda os irmãos Buschle a prosperarem. A fábrica continua produzindo de forma ainda lenta, quando em 1952, por intermédio de Paul Bluhm – irmão comerciante que passava pela Alemanha – Reynaldo Bluhm faz contato com Paul Buschle com o objetivo de abrir uma fábrica de canetas no Brasil.⁴ A fundação da Cia. de Canetas Compactor é registrada em cartório em 1954⁵, já com um lote de terreno comprado na margem da rodovia Presidente Dutra (BR-101).

A importância da fábrica, instalada na década de 1950 em uma região ainda rural do município de Nova Iguaçu, é grande quando se vê o que é o bairro Jardim Iguaçu atualmente. Boa parte dos moradores são funcionários ou aposentados da fábrica. No entanto, alguns fatos precisam ser analisados: como se desencadeou a transição da família Buschle para o Brasil; o motivo pelo qual a região do bairro Jardim Iguaçu foi escolhida para sediar o parque fabril da Compactor e a relação da companhia com a região, os trabalhadores e a política local. O recorte temporal da presente pesquisa é de 1955 até 1995. Tal período compreende 40 anos de atividade da Cia. de Canetas Compactor, o que é suficiente para analisarmos o crescimento econômico e produtivo da fábrica e suas políticas de benefícios sociais e assistencialismo para com seus funcionários e moradores da região.

O motivo pelo qual escolhemos tal temática é que, morando no bairro há vinte anos, convivemos com a presença da fábrica no cotidiano da população e ouvimos diversas histórias de como a Compactor realizou uma grande obra social transformando o bairro Jardim Iguaçu,

(1958-2008). Monografia. Instituto Multidisciplinar – UFRRJ, 2011.

4 Informação retirada do livro comemorativo de 50 anos produzido pela Cia. de Canetas Compactor em 2004.

5 A sociedade foi formada por Paul Buschle, Reynaldo Bluhm, Adolfo Nieckele e Walter Aquino Castro, porém quem representou a família Buschle na direção executiva da fábrica foi o irmão mais novo Erich Buschle.

até então rural, num local habitável. Além disso percebemos como a rotina da fábrica está ligada de uma forma muito particular à rotina dos moradores do entorno.

Portanto, no primeiro capítulo trataremos da transformação espacial e do processo de industrialização da Baixada Fluminense. Primeiramente analisaremos a citricultura, os motivos de sua decadência e como seu declínio influenciou diretamente na transformação do espaço da Baixada Fluminense, especialmente o município de Nova Iguaçu. Num segundo momento, trataremos do processo de industrialização da região, analisando as políticas nacionais que permitiram tal industrialização e como tal fenômeno influenciou na urbanização da Baixada Fluminense.

No segundo capítulo a Cia. de Canetas Compactor será a protagonista. Analisaremos o processo de instalação da fábrica no bairro Jardim Iguaçu, e como a presença da fábrica transformou o espaço do bairro até então rural. Não podemos deixar de expor o desenvolvimento da fábrica, portanto, na segunda parte será feita um breve relato sobre o crescimento econômico e produtivo da companhia. Por fim, na terceira e última parte trataremos da questão social; da relação da Compactor com seus trabalhadores, enfatizando a questão da política de benefícios e do assistencialismo para com os funcionários e os moradores.

Capítulo I

A transformação espacial e o processo de industrialização da Baixada Fluminense

1.1 A citricultura e seu declínio

Não há como compreender o processo de industrialização que a Baixada Fluminense passou em meados do século XX sem examinar a transformação econômica e espacial pela qual a região passou no final do século XIX e início do XX. Nesse período, as terras de Nova Iguaçu – que compreendiam os municípios de Belford Roxo, Japeri, Queimados, Mesquita, São João de Meriti, Nilópolis e Duque de Caxias – foram marcadas pelo início do último ciclo monocultor da região. Se iniciava então o plantio, cultivo e beneficiamento da laranja – a citricultura.

A citricultura na região de Nova Iguaçu foi beneficiada por três fatores. Devido a região ser geograficamente próxima ao Rio de Janeiro, ao mercado consumidor e ao porto; ter uma infraestrutura necessária para o escoamento da produção como a malha ferroviária que já cortava a região; e por fim, as condições naturais como solo argiloso, clima quente e úmido tornaram o cultivo de citros favorável.⁶

Embora saibamos que uma grande parcela da área rural de Nova Iguaçu foi dividida após o declínio da citricultura, Rafael Oliveira⁷ nos mostra que o processo de loteamento começou num momento anterior, já nas primeiras décadas do século XX. A prosperidade da citricultura

⁶ FIGUERÊDO, Maria Aparecida. Gênese e (re)produção do espaço da Baixada Fluminense. Revista geopaisagem. Ano 3, n. 5, Janeiro/Junho de 2004.

⁷ OLIVEIRA, op. cit.

[...] despertou o interesse dos próprios detentores de grandes extensões de terras, que começaram a subdividir e arrendá-las com a finalidade de obter lucros com a atração que a atividade citrícola passou a exercer sobre os municípios do entorno. (OLIVEIRA, 2011, p.34)

Os lucros do cultivo dos citros atraíram pessoas que não residiam na Baixada Fluminense, especialmente da cidade do Rio de Janeiro. Nos jornais eram publicadas cada vez mais reportagens sobre a prosperidade da citricultura em Nova *Iguassu*, especulando que a laranja iguaçuana poderia rivalizar com a mais famosa, da Flórida⁸ e conseqüentemente, mais anúncios de lotes de terrenos especiais para o cultivo da laranja vendidos em prestações a longo prazo.⁹

Os anúncios nos jornais não eram direcionados apenas para novos proprietários, mas também para trabalhadores que estavam em busca de um emprego regular. Por esses fatores, o próspero e lucrativo negócio da citricultura contribuiu diretamente para o aumento populacional da região até meados do século XX. O aumento é consideravelmente maior nas décadas que coincidem com o auge da produção cítrica na região, como nos mostra o quadro abaixo.

QUADRO 1

Nova Iguaçu – Censo Demográfico 1779 – 1950

Ano	População
1779/1789	13.054
1795	17.022
1821	18.705
1879	21.703
1892	24.226
1920	33.396
1940	140.606
1950	145.649

Fonte: PEREIRA, 1977.

⁸ Jornal do Brasil. 15 de Março de 1931

⁹ Correio da Manhã. 5 de Março de 1931.

A população da área rural que englobava o cultivo dos citros se dividiu de acordo com tal atividade econômica. Os proprietários dos laranjais eram os donos da terra, que confiavam suas terras aos meeiros. Estes trabalhavam por sistema de parceria, cuidavam da plantação e recebiam sua parte da colheita. O proprietário das casas de embalagens, conhecidas como *packing houses* ou barracões, era responsável pela seleção, tratamento e embalagem dos frutos. Por fim, na divisão populacional rural de Nova Iguaçu, encontravam-se os assalariados, empregados contratados pelo proprietário da terra, pelo meeiro ou pelo dono de barracão.¹⁰ Os assalariados eram contratados com remuneração precária, de maneira muito irregular e dependiam dos períodos de safra para trabalharem.¹¹

Como dito anteriormente, a estrada de ferro foi de suma importância para o desenvolvimento da citricultura na região, que até então era compreendida somente como Nova Iguaçu, pois esse era o meio ideal para transportar a mercadoria até o porto e para deslocar diariamente os trabalhadores. Podemos associar então essa primeira fase dos loteamentos à produção cítrica e à estrada de ferro.

Com o aumento considerável da produção de citros, Rafael Oliveira chama atenção para a emergência de se criar indústrias para a fabricação das caixas e locais para beneficiamento, onde ocorriam o tratamento e a embalagem do fruto. Tal indústria necessitava de “mecanismos sofisticados para a época e exigia um grande investimento de capital e energia elétrica disponível”¹². Portanto, esta se instalou no centro iguaçuano, pois, além de ser o espaço onde era possível obter o que era necessário para instalar as casas de embalagens, era próximo da estação de trem.

Nesse contexto de desenvolvimento da economia local, a região da Baixada Fluminense ganha contornos específicos e especialmente Nova Iguaçu

[...] assume um papel de centro beneficiador da laranja, chegando a beneficiar a produção praticada em Campo Grande, Santa Cruz e Bangu, e ponto de embarque da maior parte da produção cítrica ao seu redor. Em consequência

¹⁰ RODRIGUES, op. cit.

¹¹ OLIVEIRA, op. cit.

¹² Idem.

de sua importância, o poder público local e até a iniciativa privada investiram na abertura, melhoria e conservação de estradas, facilitando várias partes de Nova Iguaçu o acesso a área central, tanto para chegada da produção laranjeira quanto para uso dos lavradores. (FIGUEIREDO, 2004)

A medida em que o sucesso da citricultura era alcançado, obras de melhoramento do espaço na Baixada Fluminense surgiam.

O progresso engendrado pela laranja fez com que o poder público investisse na abertura, melhoria e construção de estradas para facilitar a vazão da produção bem como o acesso dos moradores à sede do município. Os exemplos desse investimento foram a criação da Rodovia que liga a cidade do Rio de Janeiro a Petrópolis, Washington Luís (BR – 135), a estrada Rio-São Paulo e a avenida Automóvel Clube. Outra medida adotada foi a eletrificação da Estrada de Ferro Central do Brasil em 1938 até Nova Iguaçu, atingindo Japeri em 1943 em conjunto com a adoção da tarifa única, que facilitou, sobremaneira, o acesso da população proletária a este meio de transporte e seu deslocamento em termos de moradia. (RODRIGUES, 2006, p.45)

Na década de 1940 o país estava tomado pelo imaginário de “progresso” divulgado pelo então presidente da República Getúlio Vargas. Surge então a ideia de um grande empreendimento industrial na região da Baixada Fluminense. O processo de construção da Fábrica Nacional de Motores, em Xerém no já emancipado município de Duque de Caxias, e a sua trajetória é objeto de estudo de José Ricardo Ramalho¹³. Nesta obra, Ramalho nos mostra como já existia o objetivo de industrializar a região. A ideia era transformar o distrito de Xerém na “Cidade dos Motores”, um parque fabril, “uma ‘escola’ de formação para ‘trabalhadores brasileiros’ e base para um projeto de nacional de cidade.”¹⁴

Segundo Ramalho, os operários associavam o projeto da fábrica a uma ideia de desenvolvimento mais global, que ultrapassava o caráter meramente industrial daquele

¹³ RAMALHO, José Ricardo. Estado-patrão e luta operária. O caso FNM. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

¹⁴ Idem, p.29.

empreendimento. Estes operários acreditavam na ideia de que a região da Baixada Fluminense, especificamente Xerém, teria sido “escolhida” para a construção da fábrica pois era um região remota e abandonada que necessitava de saneamento. Não deixa de ser verídico. A região de Xerém foi escolhida devido a um cruzamento de fatores de política interna e condições geográficas e naturais. Com a Segunda Grande Guerra a todo vapor, o governo procurava um local para a construção da fábrica que fosse afastado, “a salvo de bombardeios aéreos inimigos”¹⁵, e a implantação de uma fábrica de motores de aviação necessitava de um terreno no nível do mar, com água e terras planas para campo de pouso. Portanto, a citricultura não impediu que o eixo da relação com a terra se transferisse, gradualmente, para a órbita da indústria.

Embora Nova Iguaçu estivesse começando a usufruir de uma auto suficiência comercial e de serviços, a década de 1940 vai marcar um período turbulento para o município. O problema se iniciou quando os políticos iguaçuanos, pensando na citricultura, passaram a injetar a grande maioria dos investimentos na sede, em detrimento dos demais distritos, como Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis. Tais distritos então passaram a visar a emancipação político administrativa de Nova Iguaçu. O primeiro distrito a se emancipar é Duque de Caxias, em 1943, sendo formado por Caxias, Estrela e São João de Meriti. Este último se emancipa de Duque de Caxias em 1947, no mesmo ano em que Nilópolis se emancipa de Nova Iguaçu, tornando o território iguaçuano ainda menor.¹⁶

As questões das emancipações afetaram o município de Nova Iguaçu, mas não tão intensamente como o declínio da citricultura. Alguns fatores contribuíram para a decadência desse cultivo que encontrou seu auge entre os anos de 1920 e 1940.

O fator fundamental – já que desencadeou outros fatores – foi a deflagração da Segunda Guerra Mundial. Devido ao temor dos ataques às embarcações, a navegação comercial foi interdita. Conseqüentemente, toda a laranja que era produzida em Nova Iguaçu não mais poderia ser escoada no porto do Rio de Janeiro, pois os navios que levavam a produção para a Europa não estavam aportando na cidade. Com o mercado externo fechado e sem local para escoar a produção, a situação ainda piorou quando, devido ao encarecimento do combustível, Nova Iguaçu perdeu espaço no mercado interno para a cidade de Limeira, no interior paulista.

¹⁵ Idem, p.33.

¹⁶ OLIVEIRA, op. cit.

Com a ausência de frigoríficos que pudessem armazenar a produção, os frutos passaram a apodrecer nos pés, originando a praga conhecida como “mosca do mediterrâneo”.¹⁷ Tal fato desencadeou outros fatores que contribuíram para a decadência da cultura de citros. Um deles foi falta de tratamento ideal das plantações por parte dos produtores, que em muitos casos não sabiam como tratar do pomar e atacar as pragas, além de não receberem nenhum apoio governamental para isso.¹⁸

A produção foi diretamente afetada pelas consequências da guerra, como podemos ver na citação abaixo de Maria Soares:

Ao findar o conflito mundial, a situação da citricultura nacional era calamitosa, a produção reduzira-se de 50% e a qualidade da fruta estava muito prejudicada. Os pomares que haviam restado, mal tratados e prejudicados pelas pragas, apresentavam rendimento baixíssimo. (SOARES, 1960, p.77)

Apesar das plantações não estarem em seu melhor estado, após o fim da Segunda Guerra Mundial – com a reanimação do comércio internacional – os produtores tinham em mente retornar com a exportação com o objetivo de conseguir reconstruir o “império da laranja”. No entanto, como a produção de citros havia caído drasticamente, o governo proibiu a exportação da laranja com o objetivo de atender o mercado interno. Segundo João Falcão:

As questões de abastecimento e fornecimento de matérias-primas e manufaturadas aos aliados, principalmente aos Estados Unidos, o problema do transporte interno e para fora do país, além de tantos outros, levaram o presidente da República a criar a Comissão de Defesa Econômica, em outubro de 1942 [...] com poderes para regular a produção, a exportação, a importação, os transportes, a circulação de mercadorias, os preços e o racionamento. (FALCÃO, 1998, p.129)

¹⁷ RODRIGUES, op. cit.

¹⁸ Idem.

Tal política governamental fez com que os poucos produtores que ainda estavam com suas plantações férteis e bem tratadas abandonassem a citricultura e fossem em busca de outras formas de movimentar a economia local.¹⁹ Estava então encerrado o próspero período do cultivo de citros em Nova Iguaçu. O fim deste período é o marco para o início da transformação do espaço até então rural da Baixada Fluminense para um espaço urbano.

1.2 Industrialização e urbanização da região

O processo de industrialização da Baixada Fluminense fez parte de uma conjuntura política nacional, perpassando pelos governos de Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra. Foi o momento auge de criação de indústrias de base e estímulos para o crescimento industrial. No caso específico da região iguaçuana, seu desenvolvimento industrial e urbano está inicialmente ligado à prosperidade da cidade do Rio de Janeiro, até então capital federal.

No primeiro mandato do presidente Vargas, também conhecido como Estado Novo (1930-1945), vai ser difundido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) um nacionalismo muito forte, a partir de um conjunto de políticas públicas que reuniu propaganda, elaboração de leis de proteção ao trabalho e previdência social. Conforme Angela de Castro Gomes²⁰ nos mostra, quando a ditadura de Vargas se encerra e o Partido Trabalhista Brasileiro é fundado sob chancela governamental – tendo como principal palco de articulação o Ministério de Trabalho, Indústria e Comércio – as políticas públicas promovidas anteriormente tornam Vargas “um símbolo de justiça social e de progresso econômico para a população do país.”²¹

Com o fim do Estado Novo e a redemocratização promovida, Eurico Gaspar Dutra vence as eleições pelo Partido Social Democrático e se empossa presidente em 1946. No que se refere à economia, o governo Dutra foi marcado por uma política econômica conduzida a partir de

¹⁹ FIGUERÊDO, op. cit.

²⁰ GOMES, Angela de Castro. Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965): getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. Nacionalismo e reformismo radical. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

²¹ Idem, p. 57

postulados liberais, pelo rápido esgotamento das reservas cambiais acumuladas durante a guerra e por um severa política de arrocho salarial.²²

Como dito anteriormente, a Segunda Guerra Mundial foi um dos principais fatores que contribuíram para a decadência da citricultura na Baixada Fluminense. No entanto, os problemas que Nova Iguaçu encontrou nesse momento, foram os mesmos que outras regiões predominantemente agrícolas encontraram, especialmente a questão do transporte. No contexto do pós-guerra, o governo Dutra promove uma política rodoviarista, calcada no Projeto Geopolítico de Integração Nacional. Tal projeto resultou na criação do Fundo Rodoviário Nacional, que acarretou na construção da Avenida Brasil (BR – 101) em 1946 e da rodovia Presidente Dutra (BR – 116) em 1951.²³ Embora o Fundo Rodoviário Nacional tivesse como objetivo restabelecer a produção agrícola a partir de melhoramentos no deslocamento e escoamento da produção²⁴, na região de Nova Iguaçu, acabou contribuindo diretamente para o processo de industrialização, visto que a citricultura da região já estava praticamente extinta.

Segundo Maria Soares²⁵, inicialmente Nova Iguaçu não chegou a assumir importância como centro urbano devido à sua proximidade com o município do Rio de Janeiro. Tal fato limitava as funções de Nova Iguaçu como simples entreposto avançado da metrópole carioca. A inauguração da Avenida Brasil e da rodovia Presidente Dutra, e a eletrificação da Central à Japeri, contribuíram para a valorização do espaço, tornando as terras mais acessíveis à expansão metropolitana²⁶, que se tornou concreta quando parte das grandes propriedades produtoras de citros são repartidas em pequenos lotes voltados para a construção de residências. No entanto, os antigos produtores de laranja ainda estavam à espera de uma nova atividade que movimentasse a economia do município, como a citricultura movimentou.

Tal momento se inicia quando Vargas vence as próximas eleições e toma posse da presidência em 1951. Nesse período

²² Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

²³ OLIVEIRA, op. cit.

²⁴ *Correio da Manhã*, 1 de Janeiro de 1950 e *Jornal do Brasil*, 10 de Novembro de 1950.

²⁵ SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio. Tese de livre-docência – Faculdade Nacional de Filosofia. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1960.

²⁶ OLIVEIRA, op. cit.

[...] o país passou de uma sociedade predominantemente rural, cujo dinamismo era calcado na exportação de produtos primários de base agrícola, para se conformar numa sociedade urbano-industrial. (RODRIGUES, 2006, p.54)

Segundo Rodrigues, a configuração territorial da urbanização teve no Sudeste seu grande foco de concentração e um dos fatores é o fato da industrialização promovida por Vargas ter sido conduzida pela indústria de bens duráveis e apoiada em bases técnicas que envolviam a interdependência de projetos. “Dessa forma, a grande indústria foi atraída para as áreas de mercado mais consolidadas, tais como as Regiões Metropolitanas do Rio de Janeiro e São Paulo.”²⁷ Nesse contexto de promover a industrialização – focada no Sudeste – surge uma massa migratória do Norte e do Nordeste tendo como destino São Paulo e Rio de Janeiro, em busca de oportunidades oferecidas pelos novos empreendimentos. Devido aos preços altos dos imóveis nas capitais, essa população fincou raízes nas periferias, e no caso do Rio de Janeiro, se dirigiu aos municípios da Baixada Fluminense, transformando os mesmos em “cidades dormitório”.²⁸

A partir da decadência da citricultura, já com os primeiros lotes à venda para construção de casas, se inicia então nesse momento, o que Oliveira chama de “febre dos loteamentos”.²⁹ A transição de uma economia de base agrícola para uma de base industrial não se dá de forma automática. O declínio do cultivo de citros data da década de 1940, porém, somente na metade da década seguinte que as indústrias começam a fincar os pés em Nova Iguaçu. A partir dos primeiros anos da década de 1950, já se pode notar a transformação dos anúncios nas páginas de classificados do Rio de Janeiro. Se em 1948, os anúncios eram de lotes próximos ao trem, destinados aos interessados em morar na sede de Nova Iguaçu e que trabalhavam no município do Rio de Janeiro³⁰, em meados de 1950 os anúncios das mesmas páginas já constavam o *slogan* “NOVO loteamento as margens desta magnífica rodovia Presidente Dutra”, informando que ficava próximo às mais modernas fábricas do mundo.³¹

²⁷ RODRIGUES, op. cit., p. 55.

²⁸ Idem.

²⁹ OLIVEIRA, op. cit., p. 39.

³⁰ *Correio da Manhã*, 8 de Outubro de 1948.

³¹ *Correio da Manhã*, 18 de Abril de 1954.

Sobre a divisão das terras iguaçuanas em lotes, Rodrigues afirma que nesse período o município do Rio de Janeiro necessitava de áreas próximas para promover sua expansão. A ideia era ter uma região contígua, com terrenos baratos e que possuísse transporte para que a população utilizasse para trabalhar na cidade do Rio de Janeiro. Portanto, o “boom” imobiliário promovido na sede de Nova Iguaçu foi um excelente acontecimento para a capital federal, já que fatores como a inflação estavam valorizando extraordinariamente as terras da cidade.³²

Com o devido crescimento populacional e a gradual urbanização, os municípios da Baixada Fluminense, passaram a criar condições, como o incentivo fiscal, para que as empresas se instalassem na região. Nesse contexto de incentivo à industrialização, Nova Iguaçu assumiu um papel importante, de centro da Baixada Fluminense, pois buscou na industrialização uma alternativa para a crise que o declínio da citricultura tinha proporcionado para o município. A região iguaçuana se organizou à frente dos outros municípios, principalmente dos recém emancipados, com uma ampla rede de serviços e comércio e com potencial de crescimento, como é possível perceber em anúncios como este:

OTIMO PONTO

Para instalar qualquer negócio. Inclusive um cinema, que ainda não há. Local em grande prosperidade.

Muita condução ferroviária e rodoviária, ônibus para Praça Mauá, rodovia Presidente Dutra, Nova Iguaçu e São João de Meriti.

Areia Branca – Distrito de Nova Iguaçu, a cinco minutos de ônibus de Belford Roxo³³, ou a dez a pé. Praça Areia Branca n. 46. (JORNAL DO BRASIL, 5 de Outubro de 1952)

O papel de destaque do município de Nova Iguaçu continua a se consolidar ao longo da década de 1950 até a década de 1960. Isso se deu devido às políticas promovidas pelo presidente empossado em 1956, Juscelino Kubitschek. Este, substituiu nacionalismo promovido por

³² RODRIGUES, op. cit.

³³ No período do anúncio Belford Roxo ainda não havia se emancipado de Nova Iguaçu e portanto, fazia parte do município. Sua emancipação se deu em 3 de Abril de 1990.

Getulio Vargas pelo nacional-desenvolvimentismo. A política de JK também tinha como objetivo substituir as importações e desenvolver a industrialização brasileira, porém, a grande virada foi o favorecimento à entrada de tecnologia e capital estrangeiros, com o objetivo de consolidar uma modernização. A ideologia do desenvolvimento nacional se transformou em uma espécie de idioma político, e Caio Navarro Toledo³⁴ nos mostra como o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) foi o principal formulador e difusor de tal ideologia. Como podemos ver na seguinte citação dos trabalhos de H. Jaguaribe e G. Ramos, escritos entre 1957 e 1958:

O governo de Juscelino Kubitschek é um governo que suscitou a adesão das grandes massas rurais e urbanas e assumiu o poder sob a bandeira do desenvolvimento econômico e da transformação econômica e social do país. (JAGUARIBE E RAMOS, 1957 apud TOLEDO, 1997, p. 158)

O objetivo de Juscelino Kubitschek era se aproximar dos países desenvolvidos em relação à industrialização, nível de empregos e condições de vida da população. O plano de metas 50 anos em 5 é o motor desse processo de industrialização brasileira que se inicia na década de 1950. Segundo Octavio Ianni³⁵

A ação governamental, em seu conjunto, deveria criar melhores condições econômicas, financeiras, sociais e políticas para o florescimento da livre iniciativa. Um dos alvos centrais do Programa era atrair o interesse de empresários estrangeiros com seu capital e sua tecnologia. Além deste objetivo, pretendia-se estimular a poupança nacional e incentivar a modernização geral do sistema produtivo. (IANNI, 1991, p. 153)

Seguindo o raciocínio de Ianni sobre o governo de Juscelino Kubitschek, fica mais fácil compreender o motivo pelo qual diversas indústrias, como a Bayer do Brasil Indústrias

³⁴ TOLEDO, Caio Navarro. ISEB: Fábrica de ideologias. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1997.

³⁵ IANNI, Octavio. Estado e planejamento econômico no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p.153.

Químicas S.A., Indústrias Granfino, USIMECA – Usina Mecânica Carioca S.A., Fábrica de Cigarros Souza Cruz, Forjas Brasileiras S.A., S.A. Marvin, Rupturis S.A., Fábrica de Tecidos Cachambi, Cia. Mercantil e Industrial Ingá e Cia. Dirce Industrial se instalaram na região iguaçuana, principalmente às margens da rodovia Presidente Dutra. Embora o objeto deste estudo, que é a Cia. de Canetas Compactor, não tenha sido instalada na região iguaçuana durante o período do governo de Juscelino Kubitschek, todo o seu desenvolvimento e crescimento está diretamente ligado ao processo de industrialização que a Baixada Fluminense nos meados do século passado.

Visualizamos anteriormente, no quadro 1, como a população iguaçuana cresceu mais de duzentos por cento no período áureo da citricultura, até o ano de 1950. Nesse segundo momento econômico da região, a população do município de Nova Iguaçu – agora já sem os distritos de Duque de Caxias, Nilópolis e São João de Meriti – aumenta pouco mais de cem por cento a cada década, como é possível visualizar no quadro 2 abaixo:

QUADRO 2

População na Baixada Fluminense

Município	1950	1960	1970
Duque de Caxias	92.459	241.026	431.397
Nilópolis	46.406	95.111	128.011
Nova Iguaçu	145.649	356.645	727.140
São João de Meriti	76.462	190.516	302.394

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 1950, 1960, 1970.

Esse crescimento populacional consideravelmente rápido está diretamente ligado à esse novo momento da Baixada Fluminense, inserida nesse processo de industrialização e ocorre principalmente devido às migrações das populações majoritariamente do Nordeste em direção ao Sudeste, especificamente São Paulo e Rio de Janeiro. Como dito anteriormente, o fluxo migratório para o Sudeste se iniciou durante o governo Vargas, porém se analisarmos o quadro 2, poderemos visualizar que o aumento populacional dos municípios da Baixada Fluminense continuou nas décadas seguintes. Isso se deu devido ao empenho maciço de políticas para promover a industrialização brasileira. Nesse momento, Nova Iguaçu não é mais considerada

somente uma “cidade dormitório”, pois boa parte de sua população está empregada na própria cidade, como afirma Rodrigues:

A distância da periferia em relação à metrópole fez com que a cidade de Nova Iguaçu se firmasse como pólo de atração regional entre os municípios da Baixada Fluminense, uma vez que esta apresentava número significativo de empresas industriais, comerciais e de serviços [...] Em 1965 os estabelecimentos industriais que eram em número de 372 em Nova Iguaçu empregavam um total de 7.763 operários. A maior contribuição (98,9% do valor da produção) provinha da indústria de transformação que perfazia um total de 361 estabelecimentos. O principal gênero desta indústria era o de química (33,7%), seguido pelo ramo de produtores alimentares (16,9%), metalúrgica (16,6%) e, finalmente, o setor material de transportes (10,4%). (RODRIGUES, 2006, p. 76)

Este capítulo teve como objetivos primeiramente fazer um breve panorama do que foi a citricultura na Baixada Fluminense, o que ela representou economicamente para a região – especialmente Nova Iguaçu – e como os desdobramentos decorrentes de seu declínio afetaram a região, tanto na questão econômica quanto na espacial. E em um segundo momento, analisar de forma linear como se deu o processo de industrialização da Baixada Fluminense e quais mudanças tal processo promoveu.

No capítulo seguinte, trataremos da Cia. de Canetas Compactor, objeto deste estudo. Analisaremos o contexto e os desdobramentos de sua instalação em Nova Iguaçu, seu crescimento, sua relação com os trabalhadores e as intervenções urbanas e sociais que o bairro Jardim Iguaçu sofreu a partir da instalação da fábrica.

Capítulo II

A trajetória da Cia. de Canetas Compactor

2.1 Da Alemanha para o Brasil: O processo de instalação da fábrica em Nova Iguaçu

Como a espinha dorsal da Cia. de Canetas Compactor está na família alemã Buschle, para compreender o processo de instalação da fábrica na região é de suma importância registrar as motivações da transmigração da família para o Brasil, e como se deu essa mudança até o início das atividades da fábrica em 1955.

A caneta já estava presente na família Buschle pois era o ofício do então fundador da Compactor. Em 1939, Paul Buschle, residente em Wuppertal na Alemanha, registra sua primeira patente e já inicia a produção da caneta. Porém, em 1940 recebe ordens para se apresentar ao exército e deixa sua esposa Gretel administrando a oficina. Três anos depois, em Junho de 1943, a oficina é bombardeada e grande parte do maquinário é destruído. Com o encerramento da Segunda Guerra em 1945, Paul Buschle volta para casa com o objetivo de reconstruir sua oficina em Wuppertal. No entanto, com a economia alemã paralisada devido aos estragos da guerra, o plano não segue adiante e Paul passa a consertar canetas defeituosas com o irmão mais novo Erich Buschle.³⁶

Nos anos seguintes ao final da guerra, os irmãos Buschle conseguiram reconstruir a fábrica, porém, como não havia matéria-prima devido ao estado debilitado da economia alemã, os Buschle seguiram consertando canetas. A situação mudou quando em 1947 foi implementado o Programa de Recuperação Europeia pelos Estados Unidos, que consistia em reerguer a economia dos países arrasados pela guerra com o objetivo de recomeçar a movimentação do mercado externo para os americanos. Com o fim da guerra, o país norte-

³⁶ Informação retirada do livro *Compactor, 50 anos escrevendo a história da sua vida*, produzido pela Cia. de Canetas Compactor em 2004.

americano tinha como objetivo emergir como principal potência mundial. No entanto, para que esse objetivo fosse alcançado era necessário que seu sistema político-econômico fosse internacionalizado. O Plano Marshall surge então para consolidar a hegemonia norte-americana, pois promovia a prosperidade europeia e, ao mesmo tempo, aumentava seu poder no meio internacional.³⁷ Tal plano contribuiu para o recomeço de boa parte dos industriais europeus e os irmãos Buschle usufruíram também de tal programa para recomeçar a produção na oficina e deixar os consertos de lado.

O primeiro contato que desencadeou a instalação da Compactor no Brasil foi quando Paul Bluhm³⁸, dono da editora *Ao Livro Técnico* no Rio de Janeiro, esteve em Frankfurt e conheceu a caneta *Compaktor*.³⁹ Em 1952, com a fábrica já em funcionamento novamente, o empresário Paul Buschle se reuniu com Reynaldo Bluhm – filho de Paul – e consolidou a venda de uma remessa de canetas-tinteiro para a loja carioca. O sucesso da caneta e as oportunidades que surgiram com o processo de industrialização brasileiro despertaram em Reynaldo Bluhm a ideia de construir uma fábrica de canetas no Brasil. A família Buschle aceitou a proposta e em 1954, foi registrada em cartório a fundação da Cia. de Canetas Compactor.⁴⁰ A sociedade foi formada por Paul Buschle, Reynaldo Bluhm, Adolfo Nieckele e Walter Aquino Castro, porém, quem representou a família Buschle na direção executiva da fábrica foi o irmão mais novo Erich Buschle.

Como dito no capítulo anterior, os grandes terrenos das antigas plantações de laranja marginais à rodovia Presidente Dutra foram repartidos em lotes, e a inauguração da rodovia fez com que esses lotes se tornassem bem mais interessantes para compra. Os municípios da Baixada Fluminense adotaram políticas de isenções fiscais a fim de atrair investimentos industriais. A política de isenção fiscal e incentivo à industrialização foi bem sucedida e diversas indústrias então se instalaram nessa região marginal ao longo dos anos 1950, e com a Cia. de Canetas Compactor não foi diferente. A sociedade foi estabelecida em Julho de 1954 já

³⁷ SIMON, Silvana Aline S. De Bretton Woods ao Plano Marshall: A política externa norte-americana em relação à Europa (1944-1952). *Revista Relações Internacionais no Mundo Atual*, Curitiba, v. 2, n. 14, p. 24-47, 2011; WERNER, Alice H., COMBAT, Flávio A. História “viva” e História “objetivada”: George F. Kennan e o Plano Marshall. *História Social*, Campinas, n. 13, p. 173-191, 2007.

³⁸ A família Bluhm chegou ao Brasil às vésperas da Segunda Guerra Mundial e se estabeleceu em Belo Horizonte, onde Paul Bluhm abriu uma livraria. Com o sucesso do negócio, Bluhm decidiu abrir uma editora, a *Ao Livro Técnico*. No final dos anos 1940 os negócios são transferidos para o Rio de Janeiro.

³⁹ A primeira patente registrada na Alemanha em 1939 foi com o nome *Compaktor*, somente no Brasil o nome foi modificado para *Compactor*.

⁴⁰ Termo de abertura de firma, presente no livro de registro da fábrica.

com um endereço certo, o km 7,5 da Rodovia Presidente Dutra. O terreno foi comprado diretamente da família Hoffman, também alemã, o que pode indicar algum grau de solidariedade conterrânea, já que Reynaldo Bluhm também é de origem alemã e se naturaliza brasileiro em 1941.⁴¹

Assim como no caso da instalação da Bayer em Belford Roxo, a principal motivação para a escolha de tal terreno foram os requisitos básicos que a localidade deveria atender. Era necessário um terreno com potencial para ampliação do parque industrial, com áreas desocupadas no entorno para possíveis expansões, com água potável, energia elétrica e facilidade de deslocamento da carga.⁴² Outro fator fundamental para a escolha da localidade foi a mão-de-obra. Como Rodrigues nos mostrou, ao longo das décadas de 1950 e 1960 a região da Baixada Fluminense sofreu um aumento populacional muito grande devido as migrações do Norte e Nordeste em direção ao Sudeste, em busca de novas oportunidades.⁴³ Embora Nova Iguaçu já estivesse em num processo de urbanização e desenvolvimento, é preciso compreender que a região às margens da Rodovia Presidente Dutra não era a área central do município – onde o comércio e os serviços se estabeleceram ao redor da estação ferroviária – era uma nova região, que ainda estava sendo povoada. O transporte entre essa localidade e outras regiões ainda era escasso, por isso, a Cia. de Canetas Compactor aproveitou o aumento populacional, especialmente nessa região, para contratar sua mão-de-obra.

Iniciava então o processo de importação das máquinas e ferramentas, enquanto o prédio era erguido. E assim foi o primeiro ano da Cia. de Canetas Compactor, o ano da construção do parque industrial, sem nenhuma produção. Durante esse curto período de construção, o escritório executivo da Compactor funcionou no escritório da *Ao Livro Técnico*, localizado na Avenida Rio Branco, na cidade do Rio de Janeiro. Enquanto aguardava a construção da fábrica, a diretoria já buscava tornar a marca conhecida promovendo alguns anúncios em jornais com *slogans* atrativos enaltecendo a caneta-tinteiro inventada pela família Buschle, como este:

⁴¹ Conforme atestado de bons antecedentes de ordem política e social, necessário para solicitar a naturalização. Arquivo Público Mineiro, Arquivos da Polícia Política.; Diário Oficial da União confirmando a naturalização em 1943.

⁴² CARVALHO, op. cit.

⁴³ RODRIGUES, op. cit.

DA ALEMANHA PARA O BRASIL – Compactor, duas vezes mais tinta

Produto da técnica alemã, Compactor é a caneta revolucionária que possui um mecanismo transparente, funcionando a vácuo e aumentando a capacidade de tinta para 55 gotas!

Não vasa em avião! (CORREIO DA MANHÃ, 7 de Fevereiro de 1954, 4º caderno)

Anúncios como este eram encontrados em grande parte dos periódicos cariocas⁴⁴, porém, no Correio da Lavoura⁴⁵, principal jornal da Baixada Fluminense, não foi encontrado nenhum anúncio do tipo nesse período. O que nos leva a crer que o objetivo da fábrica era focar na então capital federal, a cidade do Rio de Janeiro, e consequentemente atingir o público em escala nacional. Veremos a seguir que tal objetivo foi alcançado.

As obras de construção da fábrica já se encontravam no fim e o momento era o ideal para começar a compor o quadro de funcionários. Como dito anteriormente, Nova Iguaçu contava com uma população consideravelmente grande e por isso, a grande maioria da mão-de-obra utilizada foi a de moradores da região. No entanto, não bastava ter os braços para o trabalho se não eram qualificados. Por isso, assim como na Bayer do Brasil, funcionários alemães vieram para compor o quadro inicial de funcionários.⁴⁶ No caso da Compactor, os funcionários que chegaram da Alemanha eram técnicos reconhecidos como “jovens talentos” em sua região, e tinham como objetivo ensinar o trabalho para os operários recém contratados. O quadro de funcionários foi composto de forma bem diversificada, com brasileiros e alemães; homens e mulheres, jovens e pessoas mais velhas. A diretoria se orgulhava da diversidade do quadro: “A população local compareceu em peso. A fila parecia não ter fim. Eu ia escolhendo: um homem e uma mulher, um negro e um branco e assim sucessivamente”, afirmou o diretor técnico Erich Buschle.⁴⁷

⁴⁴ Encontramos o mesmo anúncio também no Diário de Notícias, Jornal do Brasil, Diário Carioca e Diário da Noite.

⁴⁵ O jornal Correio da Lavoura foi fundado em 1917 por Silvino Hipólito de Azeredo e ainda continua circulando.

⁴⁶ CARVALHO, op. cit.

⁴⁷ Fragmento retirado do livro *Compactor, 50 anos escrevendo a história da sua vida*.

Em 1955, com a parque fabril construído e com o quadro de funcionários composto, a Cia. de Canetas Compactor dá início às suas atividades industriais. Inicialmente, tudo era importado da Compactor alemã, de Pau Buschle, penas, bombas e o material plástico para injetar. A medida em que ia se desenvolvendo, a Compactor passou a fabricar todos os componentes necessários para a montagem da caneta e não mais dependia da irmã mais velha alemã.

2.2 Crescimento da fábrica no mercado interno

O desenvolvimento da Cia. de Canetas Compactor foi consideravelmente rápido para uma indústria que começou como pioneira no ramo das canetas-tinteiro no Brasil. No entanto, seu crescimento se deu em paralelo com o desenvolvimento industrial do Brasil. As políticas promovidas pelo governo de Juscelino Kubitschek com o objetivo de estabelecer uma economia industrial madura contribuíram diretamente para que as indústrias que se estabeleceram pouco antes do mandato de JK pudessem impulsionar seu desenvolvimento.

No caso da Compactor, seu crescimento se desenvolve logo após o início das atividades, ainda na década de 1950. Como citado anteriormente, pouco antes de sua inauguração, a Compactor promoveu anúncios e propagandas direcionadas para a então capital federal, Rio de Janeiro, e não focou somente no mercado local da região da Baixada Fluminense. A diretoria tinha em mente aumentar o capital social da companhia, para que pudessem investir mais pesado na produção.⁴⁸ Os frutos dessa política de promoção foram colhidos já no final dos anos de 1950. Em 1958, sendo a principal produtora de canetas do Brasil, a Cia. de Canetas Compactor ficou com sua produção insuficiente para atender as encomendas que recebia. O diretor-presidente da companhia Dr. Reynaldo Bluhm teve que ir à Europa em busca de materiais necessários para o desenvolvimento da empresa.⁴⁹

⁴⁸ Diário Oficial, Seção I. Maio de 1956.

⁴⁹ Correio da Manhã. 30 de Março de 1958, 1º caderno.

No ano de 1960, a fábrica que começou em 1955 com uma capacidade de produção de dez mil unidades mensais, visto que no Brasil já existia outras marcas de canetas consolidadas, havia conseguido obter uma aceitação por parte do consumidor brasileiro, obrigando a aumentar sua maquinaria para trinta vezes maior do que a inicialmente planejada. E com isso, superou em muito, a fábrica localizada na Alemanha. Tal fato se deu devido a pesquisa de mercado que a empresa fez antes de começar suas atividades. O objetivo era produzir uma caneta de acordo com o que o consumidor demandava, por um poder de aquisição mais baixo que o normal. Essa é a ideia do *slogan* que ficou famoso na época: “Duas vezes mais tinta!”. Para comemorar o 5º aniversário de atividades, a fábrica vira a década com uma produção anual de um milhão de unidades.⁵⁰

Embora a década de 1950 tenha sido muito importante para o desenvolvimento da fábrica, foi na década seguinte que a companhia conseguiu atender todo o território nacional, figurando entre as maiores produtoras de canetas no Brasil ao lado da Parker e da Sheaffer, como pode ver na notícia abaixo:

Entre as grandes indústrias que tem o município de Nova Iguaçu, uma existe que leva o nome do município a todos os Estados do Brasil. Referimo-nos à Cia. de Canetas Compactor, que mercê da alta qualidade dos produtos que fabrica, encontra mercado em todo o Brasil. De Norte a Sul, de Leste a Oeste nas boas casas do ramo juntamente com as tradicionais canetas Parker e Sheaffer, lá estão as Compactor competindo em qualidade e custando muito menos. (ULTIMA HORA, 11 de Maio de 1963)

Alguns fatores muito importantes contribuíram para o sucesso de produção da fábrica no início dos anos de 1960. Primeiramente, o custo da produção diminuiu consideravelmente pois, a fábrica não precisava mais importar a matéria-prima para a produzir as canetas, todos os componentes eram fabricados aqui. O segundo ponto importante é a política de atender as demandas do consumo brasileiro. A Compactor lançou então as linhas de canetas-tinteiro Escolar, Super-Escolar e Universitária, o que surpreendeu os consumidores, pois a empresa

⁵⁰ Correio da Manhã. 19 de Junho de 1960.

produzia canetas-tinteiro do tipo mais elegante. O último fator que fez com que a Compactor alcançasse o sucesso absoluto foi o lançamento da caneta esferográfica Compactor, que foi o início do que seria o maior sucesso de vendas da companhia, a esferográfica Compactor 0.7.⁵¹

Os anos 1960 foram importantes pois a empresa conseguiu consolidar a marca Compactor no mercado interno, produzir os componentes necessários para a montagem das canetas – e não precisar mais de importações, inovar com novos modelos de canetas e consequentemente, atingir o mercado nacional, como tanto objetivava. Essa prosperidade da Cia. de Canetas Compactor fez parte de um momento em que a indústria de canetas deu um salto à frente. Cerca de 16 indústrias nacionais, das quais cinco se destacavam como principais, Parker, Compactor, Sheaffer's, Esterbrook e Johann Faber, eram as responsáveis pela produção que girava em torno de oito milhões de unidades, com atendimento de aproximadamente oitenta por cento da demanda interna.⁵²

Depois do falecimento de Paul Buschle em 1968, sua fábrica na Alemanha sofreu as consequências e fechou as portas dois anos depois. Com a fábrica extinta, o filho Dieter Buschle vem para o Brasil e passa a trabalhar na Cia. de Canetas Compactor como engenheiro chefe da oficina mecânica. Porém, rapidamente o sobrinho de Erich Buschle se transforma em Diretor Técnico da companhia. Dieter Buschle herdou o mesmo ofício do pai, e inventou algumas canetas e lapiseiras⁵³, e com isso, inaugurou uma nova fase na Cia. de Canetas Compactor, com novas produções ao longo dos anos 1970.

Boa parte das indústrias instaladas na Baixada Fluminense no mesmo período em que a Compactor se instalou continuaram a prosperar, e a Cia. de Canetas Compactor seguiu a mesma linha. Durante a década de 1970, a partir das ideias de seu novo diretor técnico, a companhia aprimorou a produção das esferográficas e passou a investir mais diretamente na produção de utensílios escolares, como canetas hidrográficas coloridas e lapiseiras⁵⁴, mas sem deixar de lado a produção das canetas-tinteiro, que embora estivesse perdendo mercado, ainda era o principal produto da empresa.

⁵¹ Idem.

⁵² Correio da Manhã. 3 de Maio de 1964, 3º caderno.

⁵³ Carta Patente Nº 15201 da caneta esferográfica *Super Status*.

⁵⁴ Inicialmente as lapiseiras produzidas foram vendidas apenas para arquitetos, desenhistas e diretores de artes, para comprovar a eficiência do utensílio. *Jornal do Brasil*, 4 de Novembro de 1974.

Outro ponto importante que deve ser tratado no desenvolvimento da fábrica nos anos 1970 é o alto investimento em propaganda optou por fazer. O investimento em propaganda não era novidade para a Cia. de Canetas Compactor, que já convivía com tal prática desde antes de começarem as atividades, como citado anteriormente. No entanto, na década de 1970, a propaganda já havia se desenvolvido bastante e já existiam grandes agências nesse ramo. Uma das agências inovadoras e premiadas do Brasil, a CIN – Companhia de Incremento de Negócios, que produzia anúncios para marcas como Maizena, Banespa, Coristina, Caldos Knorr, Martini e Hellmann's, agora também produzia os anúncios da Compactor⁵⁵, além de influenciar também nas novas embalagens que estavam sendo produzidas com o objetivo de atingir o público de supermercados.⁵⁶

Apesar de todas as mudanças que a companhia passou ao longo da década de 1970, julgamos como mais importante a inauguração do escritório na cidade de São Paulo, no bairro Jardim Paulista em 1972. O escritório era somente uma sala alugada, porém, pode ser considerada a mudança mais importante pois, marcou o início do processo de exportação de produtos para a América do Sul.⁵⁷

A década de 1980 foi uma das mais importantes para os negócios da Cia. de Canetas Compactor, porém seu início foi marcado por um pequeno susto. Em 1981 a empresa, em conjunto com mais 9 empresas dos municípios do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu e São Gonçalo, recebeu uma notificação de suspensão das atividades pela Comissão Estadual de Controle Ambiental (CECA) devido à poluição do ar e da água. O prazo para que as empresas tomassem as medidas necessárias para diminuir a poluição dado pela comissão foi de 90 a 360 dias.⁵⁸ A companhia tomou as medidas solicitadas e conseguiu reverter a suspensão.

A fábrica já passava por um momento de prosperidade devido às exportações, porém, em meados da década de 1980, precisamente em 1984, o sobrinho Dieter Buschle, então diretor técnico, criou o produto que colocou definitivamente a Cia. de Canetas Compactor entre uma das principais produtoras de canetas até os dias de hoje: a caneta esferográfica Compactor 0.7.⁵⁹ Desde os anos 1980, mais de trinta anos se passaram e a Compactor 0.7 ainda é o produto mais

⁵⁵ Diário de Notícias. 2 de Abril de 1973.

⁵⁶ Diário de Notícias. 23 de Maio de 1971.

⁵⁷ Compactor, 50 anos escrevendo a história da sua vida.

⁵⁸ Jornal do Brasil. 18 de Fevereiro de 1981.

⁵⁹ Carta Patente Nº PI 9704693-0.

vendido e mais exportado da empresa. Além da esferográfica inovadora, a companhia aumentou os investimentos nos produtores escolares, como lapiseiras, compassos e canetas hidrográficas.

A produção nos anos 1990 continua com a mesma intensidade dos anos anteriores, porém, uma surge uma diferença da década anterior. No início de 1991, a Cia. de Canetas Compactor traz para o Brasil a caneta alemã Lamy, importando 180 mil unidades e ao longo do ano passou a oferecer também itens de reposição para a caneta, como carga e haste plástica.⁶⁰ Os primeiros anos da década de 1990 foram difíceis devido à alta inflação que assolava o país, por isso, o então Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso elabora o Plano Real, que tinha como objetivo reduzir a inflação.

Além deste problema que afetou toda a sociedade brasileira, a Cia. de Canetas Compactor passou por um momento turbulento nas finanças, quando em meados da década era quase impossível competir com os produtos asiáticos. A caneta produzida no Brasil pela Compactor tinha um custo duas vezes maior que o da caneta produzida da Ásia. Por isso, o fundador da companhia, Erich Buschle foi forçado a solicitar um empréstimo de 600 mil reais para investir em novos equipamentos, com o objetivo de dobrar a produção. Erich Buschle declarou ao Jornal do Brasil que não iria promover demissões, e que o objetivo era aumentar a produção.⁶¹ Depois de conseguir baixar os custos, os planos da empresa foram os de aumentar as exportações.

Como a parceria com a marca alemã Lamy havia sido bem sucedida, a diretoria pensou em uma forma de atender não somente as camadas populares, mas também o público consumidor de materiais com o *design* mais sofisticado. Por isso, a Cia. de Canetas Compactor se tornou oficialmente a representante das canetas Lamy no Brasil. Além desse fato, a Compactor firmou uma parceria com outra produtora de canetas alemã, a Schneider. A parceria consiste em distribuir no Brasil os produtos da Schneider, produzir algumas unidades na fábrica em Nova Iguaçu e exportá-las para a América Latina e em troca a empresa alemã comercializa e assina em parceria alguns produtos da Compactor na Alemanha.⁶²

A Cia. de Canetas Compactor manteve as atividades econômicas que foram promovidas durante a década de 1990. A parceria com as marcas Lamy e Schneider foi mantida e progrediu

⁶⁰ Jornal do Brasil. 2 de Fevereiro de 1991.

⁶¹ Jornal do Brasil. 3 de Julho de 1995.

⁶² Compactor, 50 anos escrevendo a história da sua vida.

de forma que atualmente cada uma das marcas alemãs assina uma linha de canetas em conjunto com a Compactor. Além de tal fato, a empresa continua aprimorando as criações anteriores em busca de diminuir o custo da produção e manter o *design* de forma moderna.

2.3 “Família Compactor”: assistencialismo, relação com os trabalhadores e política local

A análise do crescimento produtivo e financeiro da Cia. de Canetas Compactor é fundamental para compreendermos esta terceira parte do capítulo, que tratará da relação da fábrica com a localidade em que se encontra instalada, abrangendo as questões políticas, sociais e as relações com seus funcionários e moradores no bairro onde o parque fabril funciona. Tais questões foram se transformando a medida em que a fábrica ia crescendo e adquirindo mais influência perante a população iguaçuana, principalmente a do bairro Jardim Iguaçu.

Antes de analisarmos o caso da Cia. de Canetas Compactor, se faz necessário expor e analisar alguns trabalhos que tratam da temática sobre parques fabris e sua relação com os trabalhadores e com a região onde a fábrica se estabeleceu. Tais estudos contribuem diretamente para avanço das pesquisas sobre a história social do trabalho, pois a partir dessas análises específicas de uma determinada temática ou região é possível articular os resultados e compreender melhor a história dos trabalhadores brasileiros. Silvia Regina Petersen⁶³ chama a nossa atenção para o fato de que a história do trabalho no Brasil não é uma repetição de um mesmo modelo por todo o país. Rompe ainda com a ideia de centro/periferia e sugere que devemos analisar os diversos casos pelo território nacional, cruzando fronteiras entre as temáticas referentes à trabalho e cultura, trabalho e gênero, etc.

Esses estudos que serão expostos a seguir são frutos dos novos olhares sobre a história do trabalho no Brasil. Tais pesquisas são o produto de uma mudança que ocorreu na historiografia brasileira a partir da década de 1980. De acordo com Sidney Chalhoub e Fernando

⁶³ PETERSEN, Silvia Regina F. Cruzando Fronteiras: As pesquisas regionais e a História Operária Brasileira. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. Trabalho, cultura e cidadania. Um balanço da história social brasileira. São Paulo: Scritta, 1997.

Teixeira da Silva⁶⁴, as pesquisas anteriores à década de 1970, que enxergavam a classe trabalhadora como uma consequência da industrialização brasileira foram declinando.

Grosso modo, os autores identificavam um “ruptura”, uma mudança de paradigma no entendimento da classe operária enquanto sujeito político: antes, a classe aparecia como sujeito subordinado, sem dinâmica própria que emergisse de suas práticas, “determinado por condições exteriores à sua existência concreta”; agora (meados dos anos 1980), surgia uma produção acadêmica empenhada em “captar nas experiências dos dominados a inteligibilidade de suas práticas”. (CHALHOUB; SILVA, 1997, p. 26)

Claudio Batalha volta um pouco mais cronologicamente e analisa as diferentes vertentes da historiografia sobre a classe operária.⁶⁵ A primeira vertente, localizada na primeira metade do século XX, se refere à produção militante – chamada pelo autor de escritos não acadêmicos – feita por pessoas vinculadas de forma militante ao movimento operário, que engloba publicações com ênfase nos grandes feitos do movimento operário e de suas organizações, e sobre a história e trajetória do Partido Comunista. A vertente seguinte, que se estende ao longo da década de 1960, é a de sínteses sociológicas, estas que, segundo Batalha, “tornaram a história operária sindical um tema de análises acadêmicas”⁶⁶ e tinham como objetivo estabelecer “teorias explicativas do movimento operário e de suas opções ideológicas”⁶⁷. A partir do anos 1970, a classe operária passou a ser objeto de estudo dos “brasilianistas”, que abriram caminho para a produção dos anos 1980. Esta última impulsionada pela greve do ABC paulista em 1978, diminuição da repressão política e especialmente pela influência da produção historiográfica vinda do exterior, como E. P. Thompson⁶⁸ e Eric Hobsbawm⁶⁹. Nesse período é que ocorre a transição da “história do movimento operário” para a “história da classe operária”, que culmina na produção atual acerca dos trabalhadores.

⁶⁴ CHALHOUB, Sidney; SILVA, Fernando Teixeira. Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980. Cadernos AEL, v. 14, n. 26, 2009.

⁶⁵ BATALHA, Cláudio H.M. A historiografia da classe operária no Brasil: Trajetória e tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar de. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

⁶⁶ Idem, p. 147.

⁶⁷ Idem, p. 148.

⁶⁸ THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. V I-III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁶⁹ HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. Novos estudos sobre a História Operário. Paz e Terra, 1987.

As pesquisas recentes tem como objetivo “a exploração da complexidade da formação da classe, com atenção para a diversidade de culturas e identidades entre os trabalhadores”⁷⁰, dando ênfase a estes como sujeitos políticos da história, que mobilizam suas próprias ações e rejeitando a passividade desses trabalhadores. Essa nova vertente da historiografia acerca do trabalho se debruça sobre as peculiaridades que envolvem a vida dos trabalhadores, englobando diversos aspectos dessa vivência.⁷¹

Embora a produção acerca da história social do trabalho seja ampla, iremos nos debruçar somente sobre algumas obras ligadas aos trabalhadores fabris, que englobem as diversas esferas em que estes trabalhadores estão inseridos, com o objetivo de buscar um debate que demonstre as diferentes perspectivas presentes em tais obras.

Paulo Fontes, em sua obra *Trabalhadores e Cidadãos*⁷², trata da fábrica Nitro Química e das lutas operárias presentes na década de 1950. O que se percebe de mais inovador nesse estudo é que Fontes faz uma investigação sem perder de vista o contexto econômico, social e político em que os trabalhadores, e a própria empresa, estavam envolvidos. Portanto, fica claro na obra que a história dos trabalhadores está diretamente relacionada com a trajetória da fábrica.

A forma com que Fontes coloca a questão do programa assistencial construído pela empresa é instigante. Como boa parte da historiografia sobre o trabalho, o autor vai tratar esse sistema de benefícios sociais – que incluía serviço médico, vila operária, hospital, restaurante, clube de lazer, prática de esporte, prevenção de acidentes e Escola Senai – como uma política paternalista. No entanto, apesar de enfatizar esse paternalismo como uma estratégia de dominação, Paulo Fontes não diminui a importância do programa assistencial, argumentando que por falta de alternativas de assistência pública ou privada, a empresa percebeu a necessidade de construir tal programa.

⁷⁰ FORTES, Alexandre e FRENCH, John. Sobre encanadores e filósofos: fazendo história do trabalho no Brasil. In: FORTES, A., LIMA, H.E., XAVIER, R.C.L., PETERSEN, S.R.F. (orgs.), *Cruzando Fronteiras: Novos Olhares sobre a História do Trabalho*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. p. 18.

⁷¹ Ver: CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Editora Unicamp, 2001., FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul: Educs, 2004. RAMALHO, José Ricardo. *Estado-patrão e luta operária: o caso FNM*. São Paulo: Paz e Terra, 1989., CRUZ, Maria Cecília Velasco e . *Virando o Jogo: estivadores e carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República* (1998). Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP., NASCIMENTO, Alvaro Pereira. *A ressaca da Marujada: recrutamento e disciplina na Armada Imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

⁷² FONTES, Paulo. *Trabalhadores e Cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operários nos anos 50*. São Paulo: Annablume: Sindicato Química e Plásticos-SP, 197.

Além de explicitar os aspectos relativos à política paternalista, Fontes enfatiza o papel da fábrica como espaço de aprendizado, convivência, organização e conflito (como a “greve dos 400 mil” que ocorreu em 1957) que marcou profundamente a vida dos operários da empresa.

Outra análise pertinente para é a obra de José Ricardo Ramalho sobre a Fábrica Nacional de Motores em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.⁷³ Embora seja também sobre a relação dos trabalhadores com a empresa, este estudo sobre a FNM tem alguns aspectos diferentes da obra de Paulo Fontes. Ramalho trata em seu estudo de duas fases da fábrica: a primeira fase, logo após a construção da mesma durante o Estado Novo; e a segunda fase, quando a fábrica é transformada em Sociedade Anônima em 1947.

A primeira geração operária, fruto do início da FNM – dirigida pelo Brigadeiro Guedes Muniz – viveu o projeto social de formação do “trabalhador brasileiro” promovido pelo Vargas durante o Estado Novo. Segundo Ramalho, a grande maioria dos trabalhadores não enxergava de forma negativa o controle militarizado do dia a dia, pois a justificativa era de que havia uma grande importância atribuída ao projeto de industrialização do país. O objetivo era criar um homem adaptado à nova realidade industrial. Portanto, o Brigadeiro adicionou à política de dominação paternalista o aspecto da militarização. Sua ambição maior era de “transformar o parque fabril em uma 'escola'”, cujo exemplo pudesse ser utilizado em outros pontos do país.

A transformação da FNM em Sociedade Anônima e em uma indústria do setor automobilístico mudou a relação da mesma com os trabalhadores. A política de militarização é extinta e entra em cena os benefícios concedidos aos trabalhadores, com o objetivo de controlar a força de trabalho empregada. O direito de residir, com a família, na vila operária era o maior dos benefícios. Além desse, existia também cursos ministrados pela fábrica, o dia do lazer, assistência médica, entre outros. Ramalho também chama atenção para a ideia de “grande família” que a FNM promovia. Essa ideia consistia no recrutamento de pessoas conhecidas dos funcionários para agregar o corpo de operários da fábrica. A partir dessa lógica a fábrica construía uma confiança “familiar” e exercia de forma mais eficaz a sua dominação.

Além dos estudos de Paulo Fontes e José Ricardo Ramalho, trabalharemos também com a pesquisa de Alexandre Fortes, que traz um novo elemento para a discussão proposta: a

⁷³ RAMALHO, op. cit.

ascendência alemã dos industriais. Em sua obra *Nós do Quarto Distrito*⁷⁴, Fortes analisa a classe trabalhadora porto-alegrense e também a experiência de duas indústrias localizadas no Quarto Distrito da capital gaúcha, a Renner e a Varig. A Renner é fundada por A.J. Renner, neto de alemães que imigraram no início do século XIX e a Varig é criada por empresários teuto-brasileiros⁷⁵ em união com empresas alemãs e com o governo do Rio Grande do Sul.

As duas empresas são expostas pelo autor como maiores empregadoras da região na década de 1950. Outro ponto em comum entre a Renner e a Varig é a política paternalista. Segundo Fortes, “esse paternalismo, embrionário desde a virada do século encontraria sua forma madura nas políticas sociais da Renner e da Varig”.⁷⁶ No entanto, no aspecto paternalista, ambas as empresas sofreram com as políticas do Estado Novo – que tinha como objetivo valorizar o trabalhador nacional – e tiveram que reciclar esse paternalismo. Fortes também vai dissertar sobre diversas questões que rodeavam os industriais teuto-brasileiros, como a questão da simpatia com o nazismo, a xenofobia, os interesses econômicos, a necessidade de ter de provar sua *brasilidade*, a criação da legislação trabalhista, entre outras.

Concluída então esta breve exposição de algumas obras sobre a temática, podemos então adentrar no caso da Cia. de Canetas Compactor, onde vamos expor e analisar alguns pontos da relação desta indústria com seus trabalhadores e com a região.

A Cia. de Canetas Compactor em breve irá completar 60 anos de atividades. Esses quase 60 anos de atividade da fábrica se deram no mesmo lugar, no bairro Jardim Iguaçu. Por isso, o bairro construiu uma relação muito particular com a fábrica, onde em muitas ocasiões os dois se misturam no imaginário dos moradores. Podemos citar vários exemplos: a escandalosa sirene que sinaliza as trocas de turnos na fábrica serve também para guiar os moradores – como em localidades em que as pessoas se guiam pelo soar do sino da igreja; o nome do bairro é desconhecido por boa parte da população de Nova Iguaçu que insiste em chamá-lo de “Compactor”, pois é assim que os próprios moradores o chamam; os nomes das figuras importantes da história da fábrica estão espalhados por todo o bairro, como a Praça Paul Bluhm, Rua Hermann Hoffman, Alameda Paul Buschle, etc. José Sergio Leite Lopes⁷⁷ cita em seu estudo

⁷⁴ FORTES, op. cit.

⁷⁵ Entende-se por teuto-brasileiro o brasileiro que tem pelo menos um ascendente etnicamente alemão.

⁷⁶ FORTES, op. cit., p. 179.

⁷⁷ LOPES, José Sergio Leite. A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés. São Paulo: Editora

sobre a cidade fabril de Paulista, em Pernambuco, uma explicação que pode se encaixar facilmente no caso da Compactor.

O vigor de uma forma de dominação pode ser avaliado por sua interiorização pelo próprio grupo dominado. Para além dos símbolos objetivados que o patronato local imprimiu às fábricas e à cidade – como por exemplo a Fábrica Arthur, nome de um dos patrões; a Igreja Santa Elizabeth, toda construída pela *companhia* em homenagem à matriarca da família patronal; o busto ao coronel Frederico (irmão de Arthur e filho de Elizabeth) no pátio da monumental *Casa Grande* – estão os símbolos escolhidos pelos trabalhadores locais quando compõem uma história incorporada ao seu grupo social, e que dão sentido e vida à forma específica de dominação a que estiveram submetidos a maior parte de suas vidas. (LOPES, 1988, p. 32)

Essa relação particular começou a ser construída a partir da política assistencialista promovida pelo diretor da empresa Erich Buschle. Tal política tem início em 1956, quando a empresa promoveu a contratação de um médico e uma enfermeira para realizar um trabalho preventivo.⁷⁸ O benefício era apenas para os funcionários. No entanto, como durante nos primeiros anos de funcionamento da fábrica, a grande maioria de moradores da região eram funcionários da empresa, as consultas atendiam grande parte da população da região. A medida em que a Compactor ia se desenvolvendo a população da região ia aumentando, e num determinado momento os profissionais contratados não eram mais suficientes para atender à todos. Assim como Fontes cita em seu estudo sobre a Nitro Química⁷⁹, no caso da Compactor também percebemos que como a localidade carecia de alguma assistência pública ou privada, a empresa aprimorou esse atendimento médico firmando um convênio com uma clínica no bairro vizinho Comendador Soares para que os funcionários e seus familiares fossem atendidos.⁸⁰

Marco Zero, 1988.

⁷⁸ Compactor, 50 anos escrevendo a história da sua vida.

⁷⁹ FONTES, op. cit.

⁸⁰ Compactor, 50 anos escrevendo a história da sua vida.

Durante a década seguinte, a empresa intensificou o programa de benefícios inaugurado timidamente nos anos 1950. Como foi citado na primeira parte deste capítulo, a compra do terreno para construção da fábrica contava com uma área despovoada no entorno para fossem feitas as expansões a medida em que fossem necessárias. Nos anos 1960 começam então as construções que consolidaram a política de benefícios que a Compactor continuou a promover nas décadas seguintes.

Dotada de instalações próprias para um trabalho especializado de elevada categoria, instituindo cursos internos de aprendizado, criando um ambiente de respeito e camaradagem, ministrando assistência médica e orientação profissional, estimulando as habilidades manuais ou os dotes intelectuais, despertando satisfação íntima de produzir bem um objeto útil para o povo e para o progresso da Nação, a família Compactor pode se orgulhar de representar um dos grupos de operários industriais mais homogêneos e categorizados do país. (CORREIO DA MANHÃ, 19 de Junho de 1960)

Entre os benefícios promovidos pela fábrica durante a década de 1960 e 1970, destacamos alguns que julgamos ser mais importantes para a compreensão do estudo. Além da assistência médica e orientação profissional, e dos cursos de aprendizado citados na reportagem do jornal Correio da Manhã, trataremos da Escola Canetas Compactor, da Associação Atlética, da creche e dos conjuntos habitacionais.

A primeira construção realizada na área de três hectares que a Cia. de Canetas Compactor adquiriu após a sua fundação foi uma creche completa para os filhos dos funcionários, no início da década.⁸¹ Em Junho de 1963, foi inaugurada a Escola Municipal Canetas Compactor, o primeiro estabelecimento de ensino primário promovido por uma firma industrial, produto de um convênio entre a empresa e a Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. A escola foi instalada em terreno e prédio próprio da Compactor, ao lado da fábrica, com 120 alunos matriculados.⁸² Como a escola era municipal, não tinha como atender somente aos filhos dos funcionários, pois deveria atender à comunidade. Porém, como dito anteriormente, nesse

⁸¹ Idem.

⁸² Correio da Manhã. 18 de Junho de 1963.

período, grande parte da população do bairro era formada por funcionários da fábrica. Portanto, tal política assistencialista beneficiou tanto funcionários como moradores que não eram funcionários.

Outro espaço construído pela Compactor que também foi fruto dessa política de assistência social promovida pelo diretor da empresa Erich Buschle foi a Associação Atlética Canetas Compactor. A associação foi criada para uso esportivo e recreativo dos funcionários da fábrica, e foi muito bem recebida pelos trabalhadores e pela comunidade, como podemos perceber nesse fragmento de uma reportagem do Jornal do Brasil sobre a política social da empresa:

A Compactor proporciona aos seus colaboradores o máximo de facilidades, não somente para o aprimoramento físico, mas também para consolidar os laços de confraternização existentes entre todos, do mais alto ao mais modesto servidor dessa grande fábrica de canetas. Assim é que oferece toda a assistência à Associação Atlética que está instalada em prédio próprio da fábrica e onde têm no lugar agradáveis acontecimentos sociais, durante o ano. (JORNAL DO BRASIL, 13 de Setembro de 1964)

Os acontecimentos citados na notícia são as festas que eram realizadas em datas comemorativas. Existia um calendário anual de festas. Primeiramente era promovida uma grande festa junina para os funcionários e os familiares. Depois, no Natal, era realizada uma festa infantil, onde eram distribuídos brinquedos aos filhos dos trabalhadores. E por último, ocorria a festa de maior destaque do ano, a festa de Natal, onde todos os moradores do bairro, além dos funcionários e seus familiares eram convidados para uma grande confraternização.⁸³

Era a partir dessa associação atlética que eram formados os times que disputavam o campeonato de futebol inter fábricas, que foi idealizado em 1962 por Ademar Moscoso e patrocinado pelo programa “Solimões Esportivas” e pelo jornal “O Jubileu”⁸⁴. O campeonato era formado pelas principais fábricas de Nova Iguaçu. Além da Cia. de Canetas Compactor,

⁸³ Jornal do Brasil. 13 de Setembro de 1964.

⁸⁴ Órgão de imprensa especializada de Nova Iguaçu.

participava Bayer do Brasil, Indústria Granfino, Metalúrgica de Austin, Forjas Brasileiras, Usimeca e Pneus General.⁸⁵

Por fim, será exposto o caso dos conjuntos habitacionais. A área de três hectares adquirida logo após a fundação da fábrica primeiramente serviu para a construção da creche e da escola. Em 1964, no que restou do terreno foram construídas duas dezenas de casas destinadas à alguns funcionários da fábrica. Diferentemente dos outros exemplos de assistencialismo citados anteriormente, as casas não estavam disponíveis para qualquer funcionário. As habitações seguiam a hierarquia presente dentro do parque fabril e eram destinadas aos chefes de seção, contramestres e técnicos, excluindo qualquer operário subalterno de ter oportunidade a tal habitação.⁸⁶

Alguns anos depois, em 1970, a Cia. de Canetas Compactor dá um passo maior e inaugura o Conjunto Residencial Compactor. O projeto foi feito pelo engenheiro Adolfo Nieckele – que fazia parte da diretoria da Compactor – e continha 178 casas populares. A Compactor cedeu o terreno e o Banco Nacional de Habitação (BNH) ficou responsável pela execução da obra.⁸⁷ A obra acabou sendo executada pela mesma construtora que edificou o conjunto habitacional da Cia. Têxtil Brasil Industrial, em Paracambi.⁸⁸ Inicialmente as casas foram destinadas aos funcionários da Compactor – na mesma lógica do conjunto anterior, respeitando a hierarquia dos cargos. Porém, num segundo momento, os moradores do bairro também foram beneficiados. Nos dois casos, os compradores recebiam as casas prontas com escritura e um financiamento de 15 anos, com um valor equivalente a dez por cento do salário mínimo do período.⁸⁹

A política de benefícios e assistência social é tratado por alguns autores como um paternalismo empresarial. E, especialmente o caso das vilas operárias, possuem algumas considerações dignas de exposição. No caso da Fábrica Nacional de Motores, Ramalho explica que a fábrica tinha como objetivo manter o operário sob controle e que isso era “essencial para o andamento do processo produtivo”⁹⁰. A política da FNM era de beneficiar com residência na vila operária somente os trabalhadores casados e que possuíssem um comportamento exemplar

⁸⁵ Última Hora. 2 de Outubro de 1962.

⁸⁶ Jornal do Brasil. 13 de Setembro de 1964.

⁸⁷ Compactor, 50 anos escrevendo a história da sua vida.

⁸⁸ Jornal do Brasil. 19 de Dezembro de 1971.

⁸⁹ Compactor, 50 anos escrevendo a história da sua vida.

⁹⁰ RAMALHO, op. cit., p. 96.

dentro da fábrica. Por isso, o recrutamento de trabalhadores acabou se transformando, pois os trabalhadores com família eram privilegiados em detrimento dos solteiros. Leite Lopes, em seu estudo, trabalha com a ideia de fábrica com vila operária como um “padrão mais geral de uma forma de dominação específica”⁹¹, tratando o controle das habitações operárias uma questão essencial para as administrações fabris. Fontes, em trabalho já citado anteriormente, afirma que a companhia utilizava “as casas na vila como atrativo para fixar a mão de obra e mantê-la sobre controle.”⁹²

No caso da Cia. de Canetas Compactor, acreditamos ser uma mistura de todos esses fatores, aliados ao fato do bairro Jardim Iguaçu, onde a fábrica está instalada, ter um transporte precário para outros bairros e até mesmo para o centro de Nova Iguaçu.

Outro fato que podemos tratar aqui como benefício é a questão da democratização do capital. Em meados dos anos 1960 algumas indústrias do município de Nova Iguaçu democratizaram seus capitais. Entre as empresas estavam Ingá, Indústrias de Fios e Cabos S.A. e a Cia. de Canetas Compactor. Tais empresas reservaram parte do aumento de capital para ser subscrito pelo público em geral.⁹³ A Cia. de Canetas Compactor ofereceu condições especiais aos seus funcionários, não somente aos ligados à administração, mas a todos os operários que quisessem se tornar acionistas da empresa.⁹⁴

Os itens que foram tratados fazem parte de um modelo de dominação empresarial baseado em práticas paternalistas e assistencialistas. A política assistencialista idealizada por Erich Buschle e adotada pela diretoria da Compactor, assim como no caso da Nitro Química estudada por Fontes⁹⁵, ainda é um elemento de propaganda da relação entre a fábrica e os trabalhadores. O assistencialismo promovido também tinha como objetivo o aumento da produtividade, baseado em melhores condições de vida para seus empregados.⁹⁶ No entanto a empresa se orgulha de prover para seus funcionários benefícios que o próprio governo até então não fornecia, e exalta o fato de não ter ocorrido nenhuma greve nos quase 60 anos de existência.

⁹¹ LOPES, op. cit., p. 15.

⁹² FONTES, op. cit., p.

⁹³ Última Hora. 28 de Maio de 1963.

⁹⁴ Jornal do Brasil. 13 de Setembro de 1964.

⁹⁵ FONTES, op. cit.

⁹⁶ RAMALHO, op. cit.

Embora a questão da política assistencialista seja a de maior importância nessa análise da Cia. de Canetas Compactor, não podemos deixar de lado político da Compactor, mais precisamente do seu fundador e diretor Erich Buschle. Este, assim como boa parte dos empresários industriais tinham ligações estreitas com políticos locais e à nível nacional. O principal ponto de encontro dos influentes iguaçuanos era o Rotary Club de Nova Iguaçu, onde se reuniam os grandes empresários e as personalidades da região. Ser sócio do Rotary Club casava com a política assistencialista que Erich Buschle se interessava por promover. O clube tinha o famoso *slogan* “Dar de si antes de pensar em si” e a partir dessa lógica, promoviam ações em favor da causa pública, como ajuda em materiais para hospitais, campanha de limpeza urbana, plantio de árvores, etc.⁹⁷

Além dessa ligação com as grandes personalidades da Baixada Fluminense em prol de políticas sociais para a população, o fundador da Compactor também procurava manter um relacionamento amigável com os outros empresários industriais, com o objetivo de que juntos conseguissem benefícios à favor da sua categoria.⁹⁸ Essa política de união dos empresários com o objetivo de defender seus interesses era comum, como por exemplo, durante as eleições de 1986 entre Moreira Franco e Darcy Ribeiro, Erich Buschle reuniu os empresários para todos apoiassem Moreira Franco, pois na Baixada Fluminense o candidato estava atrás do PDT de Leonel Brizola.⁹⁹

O objetivo deste capítulo que se encerra agora era primeiramente, analisar a transição da família Buschle da Alemanha para o Brasil no contexto de instalação da Cia. de Canetas Compactor em Nova Iguaçu. Num segundo momento tentamos mostrar o crescimento produtivo da companhia. E, por fim, analisamos a relação da Compactor com a localidade, com seus funcionários e com a política local.

⁹⁷ Última Hora. 12 de Abril de 1962.

⁹⁸ Última Hora. 7 de Outubro de 1963.

⁹⁹ Jornal do Brasil. 24 de Setembro de 1986.

Considerações finais

Procuramos realizar nessa pesquisa inicial – que certamente terá continuidade – uma breve análise sobre a trajetória da Cia. de Canetas Compactor, situada em Nova Iguaçu. Analisamos a questão da citricultura, seu sucesso e seu declínio. Percebemos como a Segunda Guerra Mundial foi um fator fundamental para a decadência do cultivo de citros. Conseqüentemente, tal decadência influenciou diretamente a transformação espacial da Baixada Fluminense, em especial o município de Nova Iguaçu, que sofreu a “febre dos loteamentos”.

Esse momento coincidiu com uma política rodoviária que resultou na criação do Fundo Rodoviário Nacional, que promoveu a construção da Rodovia Presidente Dutra (BR - 116) e Avenida Brasil (BR – 101). Tal fato foi primordial e casou com o momento político em que o país vivia, com políticas que tinham como objetivo promover a industrialização das áreas metropolitanas. Percebemos também como tal política de incentivo à industrialização fez com que houvesse uma grande migração populacional do Norte e do Nordeste para o Sudeste, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro. Boa parte dessa população que migrou para o Rio de Janeiro acabou se deslocando para a Baixada Fluminense devido aos altos preços imobiliários. Além da inauguração da Rodovia Presidente Dutra, percebemos que esse fato do aumento populacional também influenciou na escolha da região para sediar as diversas indústrias que aqui se instalaram, pois tal aumento populacional significava mão de obra barata.

Foi importante conhecermos e analisarmos o contexto e as motivações que fizeram com que a família Buschle se deslocasse da Alemanha para o Brasil e firmasse o compromisso de fundar uma fábrica de canetas com um sócio desconhecido, em uma região desconhecida, em um país que não possuía nenhum dos componentes para a montagem das canetas. Conseguimos perceber o motivo da escolha quando analisamos que, com a inauguração da Dutra, Nova Iguaçu era uma região com um potencial considerável, e que apesar de ter que importar todos os componentes para a montagem, no Brasil não possuía nenhuma fábrica de canetas-tinteiro, o que tornou a ideia de montar uma fábrica aqui um empreendimento em pioneiro no ramo das canetas.

A fundação da Cia. de Canetas Compactor em 1954 e sua instalação num terreno marginal à Rodovia Presidente Dutra, localizado no bairro Jardim Iguaçu, transformou o espaço da região, até então rural. A Compactor não só transformou o espaço do bairro, como também o cotidiano da população. À medida que a fábrica ia se desenvolvendo e crescendo, a população ia aumentando, transformando o bairro então em uma região interdependente da fábrica. A empresa é marcada no bairro pela política assistencialista promovida para seus funcionários e moradores.

Percebemos como a empresa se orgulha de ter transformado o bairro e de promover políticas de assistencialismo para todos. O fato de nunca ter ocorrido uma greve só fortalece o imaginário de que os benefícios existem para premiar os funcionários exemplares, e afasta quase que completamente a ideia de política assistencialista como estratégia de dominação por parte dos industriais. Analisando essa política de benefícios da fábrica, enxergamos que, embora boa parte dos benefícios concedidos fossem para todos sem restrição, um dos maiores benefícios para os trabalhadores – as moradias nos conjuntos habitacionais – era direcionado somente para alguns cargos. Ou seja, havia uma hierarquia nos cargos e os operários subordinados eram excluídos de tal benefício.

Foi dado um pequeno destaque para a questão da política local e de como era a relação do fundador da companhia Erich Buschle com as personalidades locais e com os políticos regionais. Carregando em si essa marca do assistencialismo, Erich Buschle fazia parte do Rotary Club de Nova Iguaçu, instituição que promovia ações em benefício da causa pública, e isso só aumentava seu reconhecimento como benfeitor da população iguaçuana.

O que ficou claro para nós a partir dessa análise regional, é que o caso da Cia. de Canetas Compactor tem algumas semelhanças com outros estudos como o da Fábrica Nacional de Motores, da Nitro Química, da fábrica de tecidos em Paulista, entre outras. Porém, possui uma particularidade intrigante – que será pesquisada num segundo momento, mais à frente – que é a relação supostamente harmoniosa entre os industriais e os trabalhadores. Sabemos que embora o paternalismo, ou política de benefícios sociais seja uma estratégia de dominação, o trabalhador não é um sujeito passivo nessa situação. A Cia. de Canetas Compactor não possui nenhum histórico de greve, até onde a pesquisa se estendeu, por isso, uma pesquisa posterior deve analisar essa relação entre patrão e empregado mais intimamente, com o objetivo de conseguir visualizar as condições e as motivações dessa relação; como ela ocorre; como esses

benefícios estão presentes no cotidiano do trabalhador; como ele enxerga tal política, etc. O que queremos é provar que o trabalhador é um sujeito agente de sua história, e que esse mesmo trabalhador pode usufruir dos benefícios concedidos pelo patrão sem se tornar alguém passivo.

Por fim, este presente trabalho pretendeu contribuir modestamente para a historiografia sobre história do trabalho e sobre Baixada Fluminense, pois em ambos os casos ainda não existe nada sobre a Cia. de Canetas Compactor. Na temática de industrialização da Baixada Fluminense, até o momento, só temos uma pesquisa, sobre a Bayer do Brasil – que foi citada anteriormente – e por isso, além da contribuição para a historiografia, gostaríamos de despertar outras pesquisas sobre as outras indústrias, ou até mesmo uma pesquisa sobre essa mesma temática da Compactor, com outras fontes e outras concepções.

Sabemos como a produção historiográfica sobre a Baixada Fluminense ainda é consideravelmente pequena e a população da região desconhece boa parte da história do local onde mora. Mais pesquisas sobre o processo de industrialização de um dos maiores municípios do Rio de Janeiro seriam bem-vindas ao campo de produção sobre a história da Baixada Fluminense e claro, sobre a história do trabalho no Brasil.

Fontes

Documentos Oficiais

Carta Patente N° 15201

Carta Patente N° PI 9704693-0.

Diário Oficial da União. Seção I. Maio de 1956.

Diário Oficial da União. Seção I. Janeiro de 1943.

Jornais

Correio da Manhã. 1950 – 1964

Diário de Notícias. 1971 – 1972

Jornal do Brasil. 1952 – 1995.

Última Hora. 1962 – 1963

Fonte Secundária

Compactor, 50 anos escrevendo sua vida - Livro comemorativo de 50 anos da fábrica, produzido em 2004.

Referências Bibliográficas

BATALHA, Cláudio H.M. A historiografia da classe operária no Brasil: Trajetória e tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar de. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

CARVALHO, Maicon Sérgio Mota. *Bayer e Belford Roxo: uma experiência industrial na Baixada Fluminense (1958-2008)*. Monografia. Instituto Multidisciplinar – UFRRJ, 2011.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

_____ ; SILVA, Fernando Teixeira. Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980. *Cadernos AEL*, v. 14, n. 26, 2009.

CRUZ, Maria Cecilia Velasco e. *Virando o Jogo: estivadores e carregadores no Rio de Janeiro da Primeira República (1998)*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP.

FIGUERÊDO, Maria Aparecida. *Gênese e (re)produção do espaço da Baixada Fluminense*. *Revista geo-paisagem*. Ano 3, n. 5, Janeiro/Junho de 2004.

FONTES, Paulo. *Trabalhadores e Cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operários nos anos 50*. São Paulo: Annablume: Sindicato Química e Plásticos-SP, 197.

FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito. A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas*. Caxias do Sul: EducS, 2004.

_____ ; FRENCH, John. *Sobre encanadores e filósofos: fazendo história do*

trabalho no Brasil. In: FORTES, A., LIMA, H.E., XAVIER, R.C.L., PETERSEN, S.R.F. (orgs.), Cruzando Fronteiras: Novos Olhares sobre a História do Trabalho. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013. p. 18.

GOMES, Angela de Castro. Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965): getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. Nacionalismo e reformismo radical. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HOBBSAWM, Eric. Mundos do Trabalho. Novos estudos sobre a História Operário. Paz e Terra, 1987.

IANNI, Octavio. Estado e planejamento econômico no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p.153.

LOPES, José Sergio Leite. A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés. São Paulo: Editora Marco Zero, 1988.

NASCIMENTO, Alvaro Pereira. A ressaca da Marujada: recrutamento e disciplina na Armada Imperial. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. Da produção da laranja à febre dos loteamentos: As transformações na organização espacial do Município de Nova Iguaçu ao longo do século XX. Revista Pilares da História, Ano 10, n. 11, Maio, 2011.

PEREIRA, Waldick. Cana, café e laranja: história econômica de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro: FGV/SEEC, 1977.

PETERSEN, Silvia Regina F. Cruzando Fronteiras: As pesquisas regionais e a História Operária Brasileira. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. Trabalho, cultura e cidadania. Um balanço da história social brasileira. São Paulo: Scritta, 1997.

RAMALHO, José Ricardo. Estado-patrão e luta operária. O caso FNM. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833-90's): Economia e território em processo. Dissertação de Mestrado. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ, 2006.

SIMON, Silvana Aline S. De Bretton Woods ao Plano Marshall: A política externa norte-americana em relação à Europa (1944-1952). Revista Relações Internacionais no Mundo Atual, Curitiba, v. 2, n. 14, p. 24-47, 2011.

SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio. Tese de livre-docência – Faculdade Nacional de Filosofia. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1960.

THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa. V I-III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Caio Navarro. ISEB: Fábrica de ideologias. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1997.

WERNER, Alice H., COMBAT, Flávio A. História “viva” e História “objetivada”: George F. Kennan e o Plano Marshall. História Social, Campinas, n. 13, p. 173-191, 2007.

